
Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

¿Falacia o ingenuidad? Silenciamientos y ocultaciones en un relato sobre la represión durante el Estado Nuevo en São Lourenço do Sul/Rio Grande do Sul/Brasil"

Cristiano Gehrke

(Universidade Federal de Pelotas), Brasil
cristianogehrke@gmail.com

Resumo

O presente ensaio procura, através da análise de um testemunho oral, identificar quais as razões para que os moradores do município de São Lourenço do Sul, no sul do Rio Grande do Sul/Brasil, evitem falar sobre o período no qual o país viveu sob a ditadura de Getúlio Vargas. Este foi um período no qual ocorreram uma série de perseguições à imigrantes e descendentes de imigrantes alemães. Dentre estas perseguições podemos citar a proibição destes em se expressar em sua língua materna, de praticarem a sua religiosidade e em casos mais sérios, de terem privada a sua liberdade. Deste modo, será efetuada uma breve contextualização histórica sobre o município de São Lourenço do Sul e as consequências que o governo de Vargas teve naquela região. Além disso, faremos uma descrição sobre as potencialidades e limitações da utilização da metodologia de história oral em pesquisas. Em seguida buscamos responder a alguns dos questionamentos que surgiram ao longo desta investigação: quais foram as motivações que levaram os personagens a falar sobre determinados temas e silenciar sobre outros? Como memórias traumáticas podem influenciar a história que as pessoas procuram transmitir para as futuras gerações?

Palavras chave: História oral; nazismo; esquecimento; memórias traumáticas

Resumen

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

El presente artículo busca por medio de la análisis de un testimonio de historia oral identificar cuáles son las razones para que la gente que vive en la región conocida como São Lourenço do Sul ubicada en el sur de la provincia de Rio Grande do Sul/Brasil, no hable sobre el período en que el país vivió bajo la dictadura del presidente Getúlio Vargas, conocida como Estado Novo. Este fue un período en que se llevaron a cabo una serie de persecuciones que prohibieron los inmigrantes de hablaren su lengua materna, practicaren su religiosidad y en casos más graves pusieron en el cárcel aquellos inmigrantes que el gobierno creía que tuviesen alguna relación con el nazismo. Vamos hacer una breve contextualización histórica de la ciudad de São Lourenço do Sul, así como también cuales son las potencialidades y cuáles son las limitaciones de la utilización de la metodología de historia oral en este tipo de investigación y buscar las respuestas para las preguntas que se van a plantear al largo de la investigación desarrollada que van desde ¿cuáles son las motivaciones para hablar de determinados temas y de olvidar otros? ¿Y cómo memorias traumáticas pueden influir la historia que la gente busca transmitir a las futuras generaciones?

Palabras clave: Historia oral; nazismo; olvido; memorias traumáticas

Introdução

O município de São Lourenço do Sul, localizado no sul do estado do Rio Grande do Sul/Brasil, cuja ocupação remota ao ano de 1858, com a criação de uma colônia de imigração particular¹ e a vinda de sucessivas levas de imigrantes de origem germânica, é um dos municípios que serve de palco para a realização do presente estudo. Nesta localidade, foram entrevistadas 13 pessoas, sendo 7 do sexo masculino e 6 do feminino. Os roteiros destas entrevistas giravam basicamente em torno da vida cotidiana na região no início do século XX e finais do século XIX.

Ao realizar as primeiras entrevistas, um dos temas que foi citado de forma bastante frequente e com níveis emotivos acentuados, eram aspectos diretamente relacionados com a política nacionalista empreendida durante do regime ditatorial de Getúlio Vargas, conhecido como Estado Novo², que foi responsável por uma perseguição sistemática e deliberada de imigrantes de origem teuta. Dentro deste contexto, diversas

¹ COARACY, Vivaldo. *A Colônia de São Lourenço do Sul e seu Fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Saraiva, 1958.

² Estado Novo foi o regime político implantado pelo presidente Getúlio Vargas no ano de 1937 e que perdurou até o ano de 1945. Se caracterizou entre outras coisas, por uma forte campanha nacionalista, que por meio de força física pretendia criar uma identidade nacional una no Brasil (HENRIQUES, 1964).

instituições filantrópicas, sociais, associativas e educacionais foram fechadas e ocorreu uma destruição massiva de materiais impressos pertencentes àquela população.

Até a década de 1937, o idioma alemão era de uso corrente não somente no ambiente doméstico, mas também nas escolas ou nas igrejas, onde o ensino e os cultos eram realizados neste idioma. Com o avanço dos ideais nacionalistas, e a promulgação de uma série de leis e decretos que cerceavam uma série de direitos, estes imigrantes e seus descendentes se viram obrigados a, de uma hora para outra, deixar de fazer uso do seu idioma materno e adotar o português como língua principal³.

Este período foi marcado por uma série de conflitos da população com as autoridades policiais, alguns destes conflitos resultaram na depredação ou na incineração de residências, bem como na vilipendiação de indivíduos, o que fez com que várias pessoas acabassem encarceradas, sob acusação perturbação da ordem pública ou mesmo sob o pretexto de divulgação de ideais nazistas na região.

Em uma das entrevistas, que teve como escopo traçar a trajetória pessoal e profissional de um fotógrafo bastante atuante na região, nos foi revelado que este profissional teria sido preso entre as décadas de 1930 e 1940, mas que era um episódio que não estava muito claro para os depoentes, basicamente pela pouca importância que fora dada ao evento e a um certo preconceito, uma certa vergonha em relação ao referido episódio. Contudo, mediante insistência, nos foram fornecidos nomes de pessoas que poderiam nos repassar mais informações sobre esta ocorrência.

Assim, como o assunto fora até então pouco trabalhado pela historiografia local, e movido pela curiosidade inerente a todo historiador, acabamos expandindo o universo de nossa pesquisa, e incorporando novos depoentes ao rol de entrevistados, e inserindo questionamentos diretamente relacionados a este período histórico.

Desta forma, realizamos uma entrevista com o senhor Francisco⁴. Uma entrevista atípica, e que foi, de certa forma, considerada naquele momento um grande fracasso, seja pela forma como a mesma foi conduzida, seja pelo conteúdo revelado pela mesma.

³ FACHEL, José Plínio Guimarães. *As violências contra alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Editora da UFPEL, 2002.

⁴ Optou-se em utilizar este pseudônimo afim de evitar qualquer tipo de constrangimento aos personagens com os quais estamos trabalhando.

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

Descontentes com o resultado da mesma, este depoimento acabou sendo “engavetado”, esquecido. Novas entrevistas foram feitas, e foi empreendida uma busca nos principais arquivos documentais existentes no município de São Lourenço do Sul, onde encontramos uma série de documentos que atendiam aos nossos interesses naquele momento.

Nada obstante, em meados do ano de 2015, após uma conversa com a professora Carla Gastaud, responsável por ministrar a disciplina de Oralidade e Arquivos Orais, no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, após sermos questionados sobre as experiências relacionadas com História Oral ao longo de nossa trajetória acadêmica, foi narrada pelo presente autor, esta experiência, que naquele momento, parecia ter sido infame, mas que após a sua exposição e algumas considerações bastante pertinentes da referida professora, passou a ser vista de outra forma.

Sendo assim, este ensaio, se propõe a fazer uma descrição da experiência a qual nos propomos a analisar, parte esta que terá um cunho descritivo, e que portanto, será redigido em primeira pessoa, visto se tratar da narração de um processo de realização de uma investigação. Além disso, nos propomos a analisar de forma muito breve o que entendemos por História Oral, pretendemos trazer alguns apontamentos sobre os avanços que ocorreram ao longo dos últimos anos e algumas das possibilidades de utilização que os mesmos podem vir a ter na realização de estudos históricos. Além disso, faremos ainda, uma contextualização histórica do município de São Lourenço do Sul, para que o período que serve de pano de fundo para o presente artigo fique mais claro para o leitor. E por fim, unindo estas grandes partes do artigo, faremos algumas considerações sobre o tema aqui analisado, buscando respostas para alguns dos questionamentos que nos levavam à redação deste ensaio.

A pesquisa “original”

Conforme já mencionado, este artigo é resultado de um desdobramento da nossa pesquisa de doutoramento, que tem como o objetivo realizar um estudo analítico - comparativo dos acervos fotográficos de três museus localizados no sul do estado do Rio Grande do Sul: o Museu Etnográfico da Colônia Maciel, o Museu da Imigração Pomerana e o Museu da Colônia Francesa, que se propõe a preservar parte do patrimônio cultural e

destacar as particularidades de cada um dos grupos étnicos responsáveis pela criação destas instituições: italianos, alemães/pomeranos e franceses, respectivamente.

Como uma forma de aperfeiçoar a análise, uma vez que temos o mesmo entendimento que Mauad⁵ de que para que possamos entender de forma satisfatória as fontes fotográficas, se faz necessário o estudo sobre o circuito “social da fotografia”, onde uma análise sobre a trajetória dos profissionais que eram responsáveis pela produção destes registros é de suma importância, traçamos esta meta para o nosso trabalho. Em relação a este aspecto, Kossoy⁶ afirma que o fotógrafo atua como uma espécie de filtro cultural, pois está em suas mãos a função de “apertar” o disparador do equipamento fotográfico e fazer o registro, não sem antes interferir na cena, dando orientações sobre poses, gestos, roupas, bem como efetuando recortes na cena retratada, por isso a importância de identificar aspectos relacionados à trajetória destes profissionais.

Assim, optou-se em efetuar um estudo biográfico sobre alguns destes fotógrafos que atuaram na região entre o final do século XIX e meados do século XX. Neste sentido, uma das figuras que despontou na nossa investigação, foi o fotógrafo alemão Ernest Julius Heinrich Feddern, que veio para o Brasil na década de 1920 para trabalhar como fotógrafo itinerante.

Ao traçar a trajetória pessoal e profissional de Feddern, soube-se através da realização de uma entrevista com um de seus netos, que o mesmo teria sido preso durante o período do Estado Novo, sob a acusação de uma possível participação na difusão do Nacional Socialismo no sul do Brasil. Pelo fato de o entrevistado não saber nos informar quase nada sobre este episódio, nos foi sugerida a realização de uma entrevista com um amigo da família, que poderia repassar mais informações sobre este episódio, uma vez o pai deste, teria sido recolhido à cadeia municipal na mesma data em que o fotógrafo Heinrich Feddern fora preso. Tratava-se do senhor Francisco.

Interessante observar neste momento a formação de uma espécie de “rede”, na qual um entrevistado fornece, indica o nome de outros que possam ter mais informações sobre determinado personagem ou mesmo sobre o caso estudado. Este é um aspecto

⁵ MAUAD, Ana Maria. A fotografia e a família no Brasil oitocentista. IN: ANDRÉ, Richard Gonçalves. *Álbuns de família: a história e a memória entre os fios luminosos da fotografia*. Londrina: Ed. UEL, 2015 (p.09-49).

⁶ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

recorrente em estudos que fazem o uso da história oral e foi um artifício usado em nossa pesquisa.

Uma vez de posse do nome de um novo entrevistado, e da informação de que o mesmo era um advogado bastante conhecido na cidade de São Lourenço do Sul, procedeu-se uma busca pelo contato do mesmo a fim de fazer uma entrevista, para que assim, pudéssemos saber mais informações sobre as prisões de Heinrich Feddern (até este momento, nosso principal interesse) e do pai do senhor Francisco.

A entrevista com o senhor Francisco

Uma vez efetuado o primeiro contato através de um telefonema, quando após uma apresentação pessoal e uma breve explanação da intencionalidade da nossa investigação, o senhor Francisco concordou em nos receber e nos conceder uma entrevista.

No dia e horário escolhidos pelo mesmo, chegamos ao seu escritório, localizado no centro da cidade de São Lourenço do Sul, um ambiente com pouca iluminação, com paredes revestidas com estantes recheadas de livros que tratavam sobre a temática do direito, o que é perfeitamente coerente com a formação profissional do nosso entrevistado; duas escrivaninhas de madeira de lei e o chão forrado com um carpete marrom.

Convidado a entrar no recinto e ocupar uma cadeira que já havia sido previamente posicionada de frente para uma mesa sobre a qual estava localizado um computador, me foi solicitado que eu aguardasse alguns minutos, enquanto ele resolveria algumas questões que haviam ficado pendentes e que urgiam em ser resolvidas.

Após cerca de 30 minutos de espera, o senhor Francisco retorna à sala, desculpa-se pelo atraso, puxa uma cadeira, se posiciona em frente ao computador, e virando as costas para mim, abre, em seu computador, um documento em branco no programa *word*.

Neste momento, virando-se para mim, o mesmo me questiona sobre a minha origem familiar, qual a procedência da minha família, bem como onde residíamos atualmente. Em seguida, me questiona sobre a minha formação acadêmica, bem como as motivações da minha pesquisa. Após dar as respostas solicitadas, sou questionado, de forma um tanto quanto grosseira, o que eu queria saber dele.

Expliquei que, estava efetuando uma pesquisa para o meu doutoramento, no qual eu trabalharia basicamente com fotografias como minha fonte de estudo, mas que eu faria também um estudo biográfico sobre alguns profissionais que atuaram neste ramo na região. Narrei que naquele momento eu estava buscando informações sobre o fotógrafo alemão Heinrich Feddern e que o mesmo teria sido preso durante o período estado novista, e sua prisão teria ocorrido na mesma data que a do pai do senhor Francisco, e que a minha visita e a consequente solicitação da realização da entrevista, tinha como propósito levantar mais informações sobre tal episódio, que até então eu tinha pouco conhecimento.

Feita esta explanação, durante a qual o entrevistado me fitava com um olhar sério e até mesmo intimidador, perguntei ao mesmo se eu poderia fazer a gravação de áudio da nossa conversa, de forma a facilitar a posterior transcrição da nossa conversa e assim, não “olvidar” nenhum ponto levantado durante a entrevista.

Tive a minha solicitação negada. O senhor Francisco então, deu as costas para mim, ainda sentado em sua cadeira, e começou a fazer a redação de um texto no seu computador pessoal. O mesmo se posicionou de forma que eu pudesse ler suas palavras ao mesmo tempo em que ele as digitava. Ritual que se seguiu por cerca de 40 minutos ininterruptos.

Fiquei sem saber como lidar com aquela situação. Mesmo tendo uma vasta experiência com realização de entrevistas de história oral, já tinha passado por inúmeros problemas, contratempos, tais como dificuldades de exteriorização de alguns temas tidos como dolorosos, choros, silêncios, porém, nunca tinha passado por uma experiência destas.

Passados os 40 minutos, o mesmo fez a leitura em voz alta do texto que havia escrito, procedendo a correção de alguns erros gráficos cometidos durante a digitação e ao final desta, voltou-se novamente para mim, questionando-me se eu havia ficado com alguma dúvida.

Fiz duas perguntas, ao final da minha fala, ele novamente me deu as costas, e digitou as suas respostas aos meus questionamentos, ritual que se repetiu por mais dois momentos.

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

Ao final, o senhor Francisco imprimiu duas cópias do documento que produziu na minha presença e assinou todas as páginas do documento e me entregou uma cópia, guardando outra na gaveta de sua mesa.

Agradei ao mesmo pelas informações prestadas, o saudei e me dirigi até a minha casa. Durante o trajeto fiquei pensando no que eu acabara de vivenciar. Como pesquisador que faz uso da metodologia de história oral, aquela entrevista tinha sido uma experiência fracassada: o mesmo não respondeu de forma satisfatória nenhuma das perguntas que eu havia efetuado, não tinha em minha mãos uma entrevista oral, mas sim um documento assinado, o que caracteriza o mesmo, de acordo com visões mais tradicionais, não como uma entrevista, mas sim uma espécie de carta, um texto autobiográfico. Enfim, voltei para casa desiludido. Um desânimo se abateu sobre mim. Mas ao mesmo tempo, meu faro de historiador apontava que existia alguma coisa naquela história que teria levado o mesmo a proceder daquela forma. Restava descobrir o que era.

O relato

Narradas as condições de produção do relato, passaremos a analisar a partir deste momento alguns aspectos mais formais do conteúdo do documento produzido pelo senhor Francisco.

Conforme já descrito, a entrevista não possui um arquivo em áudio, mas é composta por um documento digitado, impresso e assinado pelo depoente, e cuja cópia, foi entregue ao presente autor. O documento está impresso em uma folha A4, a fonte utilizada foi *Times New Roman*, com espaçamento simples e o texto encontra-se justificado.

O texto na verdade não obedece nenhuma ordem cronológica dos fatos. A partir de uma análise interna do mesmo, percebemos que a história narrada é uma sequência de fatos, onde determinados aspectos relacionados à história familiar servem como marco cronológico.

O documento não visa responder de forma direta as perguntas que foram feitas. Uma análise rápida, permite concluir que o mesmo é uma espécie de *scrip* que já fora previamente ensaiado, que aquele discurso era um discurso que já fora, se não verbalizado, pelo menos escrito em outros momentos.

O relato do senhor Francisco, como era de se esperar, ao invés de ser uma entrevista cujo foco seria a prisão do senhor Heinrich Feddern ou mesmo de seu pai, tornou-se uma autobiografia romanceada, talhada ao máximo de forma a fazer com que o objetivo principal de entrevista ficasse em terceiro plano, sendo este apenas referenciado em dois parágrafos.

O texto começa da seguinte forma, com o senhor Francisco escrevendo em primeira pessoa: “eu passei a morar na Coxilha do Barão por volta de 1944 e, embora, então com 5 anos, tenho algumas lembranças”. Em seguida o mesmo aponta a grande penúria na qual sua família teria vivido nos primeiros anos, e o seu sucesso econômico “oriundo exclusivamente do suor do trabalho dos meus pais”. No seu relato, ele faz ainda uma descrição das motivações da migração de seus pais, o que teria ocorrido na década de 1920, ele fala sobre o trabalho de seu pai como professor na região colonial de São Lourenço do Sul, e das dificuldades enfrentadas pela família além das constantes mudanças de casa.

Especificamente sobre o tema que motivou a nossa visita ao senhor Francisco e a realização da entrevista com o mesmo, poucas foram as informações prestadas. Sobre este aspecto o mesmo afirmou que

quando da perseguição aos alemães no Brasil, aos “quinta colunas”, num belo dia, os três foram presos, para investigação. Lembro que meu pai recebeu convite para comparecer à Delegacia de Polícia. Presos, os três [aqui o entrevistado se refere ao pai, ao senhor Heinrich Feddern e ao senhor Philip Loersch, então pastor na Coxilha do Barão] na cadeia de São Lourenço e devidamente investigados, corriam perigo de serem levados à prisão na Ilha de Fernando de Noronha. Meu pai não tinha “papas na língua”, e achou que como inocentes, não poderiam permanecer presos e, muito menos “exportados” para a ilha de Fernando de Noronha, de onde talvez, não voltariam. Passou a incomodar os algozes e a enfrentar as autoridades e a situação, de tal forma que soltaram os inocentes acusados.

Ele destaca ainda que a sua “casa foi invadida por policiais e aproveitadores que levaram muitas coisas, incendiaram livros e jornais que meus pais trouxeram da Alemanha

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

e que de lá, posteriormente receberam” e continua dizendo que “os saqueadores, em realidade, eram pessoas que, intitulado-se defensores da pátria, aproveitavam para roubar e saquear, em parte amparados pelas próprias forças de segurança oficiais”.

Não há nenhuma referência direta à prisão do senhor Heinrich. Sua prisão é comentada apenas como um evento que ocorreu de forma concomitante à prisão de seu pai. Além disso, na entrevista é dado um certo destaque ao fato de que seu pai, o senhor Heinrich Feddern e o senhor Philip Loersch, não terem tido qualquer tipo de contato em solo alemão, mas sim, que tiveram o seu primeiro contato aqui no Brasil.

Interessante verificar que existem algumas incoerências em seu relato. Num primeiro momento ele narra que seu pai teria sido “convidado” para se apresentar na Delegacia, onde acabou sendo encarcerado. Num segundo momento, o mesmo afirma que a prisão ocorreu em sua residência, ao mesmo tempo em que eram depredados os diferentes cômodos desta quando ele diz que “meu pai foi preso na mesma ocasião em que houve a revista e o saque da casa”. O texto encerra com a seguinte frase: “ninguém tinha direito a advogado e defesa. Reinava o espírito do Estado Novo”.

A campanha nacionalista e o Estado Novo em São Lourenço do Sul

O século XIX assinala o início de um movimento que foi denominado pelos pesquisadores como o período das grandes migrações, no qual centenas de milhares de indivíduos se deslocam do continente europeu em direção ao continente americano. A Europa oferecia uma série de fatores de expulsão. Fatores de ordem religiosa, política, social ou econômica agravados basicamente pela expansão do sistema capitalista e pelos reflexos da Revolução Industrial, compeliram uma significativa parcela da superpopulação europeia no período, a buscar outras alternativas para sobrevivência.

Enquanto a Europa sofria com um crescimento demográfico desordenado, o continente americano, enfrentava problemas relacionados à baixa densidade demográfica em algumas regiões, neste sentido, aliando interesses de ambas as partes, a imigração em massa foi estimulada de maneira bilateral

É neste contexto que teve início uma das maiores movimentações humanas já verificadas na história. O Brasil recebeu sucessivas levas de imigrantes, de distintas nacionalidades.

Precisamente sobre o município de Pelotas, que no século XIX vivia no auge da produção saladeiril, cujos empreendimentos se concentravam nas margens do Arroio Pelotas, grande parte do território em situação de relativo abandono. Muitas terras não eram adequadas nem à pecuária, nem à monocultura, devido ao grande número de cursos d'água e ao declive acentuado de certas regiões⁷.

No sentido de diversificação das atividades econômicas, criou-se, em 1858, a primeira colônia de imigrantes fundada por iniciativa particular no município de Pelotas, a chamada Colônia São Lourenço, sob administração do empresário Jacob Rheingantz e do estancieiro José de Oliveira Guimarães e que foi colonizada majoritariamente por imigrantes de origem germânica⁸. O sucesso do empreendimento, fez com que em 1884 a colônia se emancipasse de Pelotas, formando o município de São Lourenço do Sul.

São Lourenço do Sul foi considerada uma das primeiras e mais frutíferas colônias particulares da região. É neste contexto, numa cidade dominada pelo elemento de origem germânica, com a economia voltada para produção familiar de alimentos, que no final da década de 1930 e início da década de 1940, durante o governo ditatorial de Getúlio Vargas, uma série de medidas de cunho nacionalista foram implantadas de forma a criar uma identidade nacional una e integrar o grande número de imigrantes e seus descendentes na sociedade brasileira, visando aniquilar qualquer sentimento de identificação alienígena.

No momento em que ocorria na Europa, o segundo conflito armado mundial, o Brasil vivia um período de muitas incertezas. Num primeiro momento, conforme os autores que estudaram o período⁹, o governo de Vargas “namorava” com a Alemanha. Existia um intenso comércio entre ambos países, o que era bastante conveniente para os dois lados. Por pressões externas, o Brasil saiu de uma neutralidade estratégica, que o governo tentou manter o máximo de tempo possível e declarou guerra ao Eixo, em agosto

⁷ ULLRICH, Carl Otto. *As colônias alemãs no sul do Rio Grande do Sul*. In: *História em Revista*. Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL, n° 5, dezembro de 1999.

⁸ COARACY, Vivaldo. *A Colônia de São Lourenço do Sul e seu Fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Saraiva, 1958.

⁹ FACHEL, José Plínio Guimarães. *As violências contra alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Editora da UFPEL, 2002.

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

de 1942. Porém, mesmo antes desta declaração “oficial” de guerra, era implantada no Brasil uma política nacionalista.

O ano de 1937 assinala, no Brasil a instituição do regime de autoridade comandado por Getúlio Vargas denominado Estado Novo que teve duração de oito anos, nos quais a política nacional tinha como base a ideologia de que o “Estado e a Nação constituíam uma unidade indissolúvel”¹⁰. Foi neste contexto, que foram instauradas políticas no sentido de criar uma “nação homogênea com uma cultura única”¹¹ Neste contexto, teve início uma política de repressão à todas as manifestações culturais, políticas e sociais de comunidades onde predominavam elementos alienígenas.

A existência de desconfianças por parte das autoridades sobre a presença de possíveis elementos com relações com o governo nazista alemão, fez com que a campanha de nacionalização empreendida pelas autoridades e adotada pela própria população nacional fosse bastante representativa.

José Plínio Guimarães Fachel¹² em seu estudo constatou que várias manifestações de ódio aos descendentes de alemães em Pelotas e São Lourenço do Sul, partiram de civis, que acabaram “fazendo justiça com as próprias mãos” destruindo e saqueando comércios, vandalizando residências.

Roche¹³ afirma que o objetivo do governo de Getúlio Vargas, ao implementar uma política de nacionalização era pôr em pé de igualdade os imigrantes e seus descendentes com os demais cidadãos que habitavam o solo brasileiro. Contudo, foi necessário recorrer a determinados artifícios, tais como a violência física e psicológica para acelerar este processo.

Para Possamai¹⁴ o maior apoio à política de nacionalização provinha da população luso-brasileira e negra, anteriormente discriminada social e economicamente, que aproveitou a oportunidade para denunciar seus desafetos como “quinta colunas”. Contudo, o mesmo autor verifica que a repressão variou de acordo com a conjuntura local.

¹⁰ WEBER, Roswithia. *A criação de um museu de imigração alemã no pós-nacionalização*. IN: Revista Memória em Rede. Pelotas: PPGMP, v.3, nº9, Jul./Dez.2013, p. 02.

¹¹ POSSAMAI, Paulo. *Dall’Italian siamo partiti: A questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*. Passo Fundo: Ed.UPF, 2005, p.243.

¹² FACHEL, José Plínio Guimarães. *As violências...*, 2002.

¹³ ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969, p. 704.

¹⁴ POSSAMAI, Paulo. *Dall’Italian siamo partiti: A questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*. Passo Fundo: Ed.UPF, 2005, p.243, p. 245.

Conforme exposto anteriormente, mesmo que de forma sumária, grande era o número de imigrantes europeus aqui chegados e a formação de colônias de certo modo homogêneas, isoladas geograficamente, fizeram com que traços culturais dos países de origem destes imigrantes fossem preservados, permanecendo quase que intactos em algumas regiões, criando uma espécie de “guetos étnicos” dentro do Brasil e isto gerava no governo brasileiro um grande desconforto, e este pode ser apontado como um dos motivos pelos quais este grupo de descendentes de imigrantes germânicos, sentisse as consequências de uma forma muito mais intensa.

A campanha de nacionalização ocorreu de forma sistemática em todo o país, conforme atestam as leis e decretos sancionados no período. Desde de 1938 uma série de decretos do governo federal passaram a restringir as atividades dos estrangeiros no país, especialmente as que diziam respeito à sua atuação política e social.

Temos exemplos extremos de demonstração de nacionalismo, de devoção à pátria, adotadas basicamente por medo de possíveis represálias. Dentre estas, reportagens veiculadas na imprensa local, hasteamento de bandeiras brasileiras em frente a casas comerciais, fotografias de Getúlio Vargas em escolas e residências, eram algumas das estratégias encontradas pela população para se livrar de possíveis perseguições.

Estas demonstrações de nacionalismo exacerbado não eram, todavia uma regra na comunidade. Esta afirmativa pode ser efetuada, tendo por base os processos relacionados à detenções e prisões no município de São Lourenço do Sul, no referido período.

A perseguição pela qual passaram vários indivíduos no período em que ocorria em território europeu a Segunda Guerra Mundial, não ocorreu somente mediante prisões. Ela ocorreu de diversas formas tais como a proibição de reuniões, eventos sociais, culturais, a expressão no idioma nativo, entre outras.

Se observarmos o contexto geral da situação no momento, vamos entender um pouco melhor a situação. São Lourenço do Sul, nas primeiras décadas do século XX passava por um momento de um vertiginoso crescimento econômico. O município foi nas décadas de 1940 e 1950 o maior produtor de batata inglesa da América Latina.

Na época, a população do município era composta basicamente por elementos de origem germânica. A grande maioria chegou através das empresas migratórias no final do século XIX, conforme vimos anteriormente, porém, na década de 1920 temos um número

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

considerável de imigrantes de origem germânica que vêm a São Lourenço de forma espontânea. São profissionais tais como professores, pastores, padres, médicos, farmacêuticos, fotógrafo, entre outros.

A especialização destes profissionais e o seu deslocamento ao interior do município, suas condições financeiras, seus regressos ao território alemão, foram alguns dos aspectos que levantaram suspeitas frente a sua conduta. Estes imigrantes passaram então a ser observados pelas autoridades policiais locais com mais atenção.

Além disso, alguns outros aspectos tornavam esta desconfiança das autoridades um pouco mais forte. Por exemplo as profissões de muitos destes indivíduos requeriam que estes procedessem deslocamentos pela colônia, e tivessem contato com um grande número de pessoas. Tais como um pastor ou padre, um professor ou fotógrafo itinerante.

Alguns poucos e pontuais estudos sobre o processo de perseguição à elementos alienígenas no município de São Lourenço do Sul foram efetuados até o presente momento. Contudo, não foram analisados aspectos bastante pertinentes, tais como as consequências que tal período teve na sociedade local, bem como a forma que o período foi e continua a ser encarado pela população.

Neste sentido, visando preencher esta lacuna e efetuar uma análise sobre estes aspectos, efetuamos algumas entrevistas pautadas na metodologia da história oral, e em meio a esta investigação, foi coletado um depoimento que serve de objeto para a nossa análise. Contudo, antes de continuarmos, se faz necessário que sejam feitas algumas considerações sobre o que entendemos por História Oral.

O papel da história oral na escrita e compreensão da história

Nos últimos anos temos assistido a um vertiginoso crescimento na utilização da metodologia da história oral para a compreensão de eventos históricos. Contudo, mesmo já estando consolidada como uma fonte histórica há mais meio século, os historiadores orais, não raro, necessitam fazer uma defesa da utilização deste tipo de fonte em detrimento dos tradicionais documentos escritos. Iremos nos abster de tal tarefa, visto que para nós, a utilização desta metodologia já está mais do que consolidada no campo

historiográfico¹⁵. O que faremos a seguir, é destacar algumas das limitações, potencialidades e alguns aspectos relacionados à interpretação deste tipo de fonte.

As críticas à história oral residem basicamente na questão subjetiva intrínseca a esta fonte. Esta série de questionamentos, ocorre basicamente em função da confiabilidade da memória, uma vez que, de acordo com os críticos, os depoimentos orais são fontes subjetivas, o que pode tornar estes relatos falíveis ou até mesmo fantasiosos.

Neste sentido, Paul Thompson¹⁶ aponta que mesmo as já consagradas fontes documentais são impregnadas de subjetividade, podendo ser ambíguas ou até mesmo passíveis de manipulação. Contudo, esta pode ser considerada uma das grandes potencialidades deste tipo de fonte, uma vez que a subjetividade, a imaginação, o desejo expressos pelos narradores mostram que a história é uma disciplina viva e que sujeitos comuns a vivenciaram.

Vale destacar que a subjetividade está presente também em outras fontes. Ela pressupõe, de certa forma, algumas omissões por parte dos entrevistados, mas que podem ser identificados de diferentes formas¹⁷. Thompson¹⁸ afirma ainda que “toda história derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade” o que faz com que a utilização desta fonte seja ainda mais profícua do que a utilização de outras fontes.

Seguindo este mesmo raciocínio, Fraser¹⁹ afirma que uma das características mais importantes de um relato oral é a sua subjetividade, a auto representação, a forma narrativa e o fato de que tal testemunho (documento) foi criado com a ajuda do investigador baseado em interesses deste.

¹⁵ Uma comprovação de tal sucesso, se tomarmos apenas o caso brasileiro, pode ser verificada através da realização de encontros bianuais de História Oral (em 2016 será realizada a XX edição do Encontro Nacional de História Oral, organizado pela Associação Brasileira de História Oral), bem como da publicação de inúmeros periódicos que se propõem a tratar do uso de fontes orais em suas pesquisas.

¹⁶ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Paz e Terra: São Paulo, 1998.

¹⁷ PORTELLI, Alessandro. *História Oral e poder*. Mnemosine. Vol. 6 nº2, 2010. (p. 02-13).

¹⁸ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Paz e Terra: São Paulo, 1998, p. 197.

¹⁹ FRASER, Ronald. *Historia oral, historia social*. IN: *Historia Social*. Valencia: Fundación Instituto de História Social, n. 17, outono 1993, p. 131-139. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4034035>, acessado em 20/08/2014, p. 132.

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

Rodriguez Jiménez²⁰ afirma que os documentos orais permitem ao historiador recolher e elaborar as suas próprias fontes e construir o seu próprio arquivo, seguindo esta mesma linha de pensamento, Fraser²¹ afirma que a história oral nada mais é do que a geração de novos saberes, graças e criação de novas fontes históricas. Neste sentido Portelli²² destaca que a utilização de entrevistas na realização de estudos, amplia de forma significativa os “horizontes da investigação social”, uma vez que estas oferecem uma alternativa crítica às memórias dominantes, que pautaram a escrita da história até então, o que faz com que o certo “fetichismo” que ainda é associado com as fontes escritas seja deixado de lado.

Com o principal objetivo de registrar experiências e acontecimentos que, por uma série de fatores não foram documentados de forma satisfatória pelas fontes consideradas tradicionais, é que o uso da história oral é um campo em franca expansão, conforme fica claro na fala de Constantino²³. A autora afirma que os verdadeiros historiadores são aqueles que além de buscar fontes, as produzem, uma vez que estes consideram a História como “ciência em permanente construção, distanciada de verdades demonstráveis, invariáveis”. Desta forma, buscando “recuperar a memória e a experiência de grupos à margem da história escrita”²⁴ os “testemunhos orais começaram a ser vistos não somente como uma fonte a mais ou uma maneira de complementar as fontes escritas, senão como uma via de acesso aqueles fenômenos tradicionalmente ausentes em outras fontes, de histórias escondidas, e de atores marginais²⁵.

Portelli²⁶ afirma ainda que a história oral “é representada pela experiência pessoal de indivíduos específicos”. Nesta prática, os “narradores articulam memória, avaliação e relatos com diálogos com entrevistadores que estão tentando reconstruir uma estrutura mais ampla. Assim, convidam-lhes a focalizar o encontro entre a história e suas vidas,

²⁰ RODRÍGUEZ JIMÉNEZ, José. *Las fuentes orales: Metodología para trabajar con una fuente que buscas y te busca*. IN: RODRÍGUEZ JIMÉNEZ, J. L. y RUBIO, Antonio (eds.), Primer Encuentro entre el Periodismo de Investigación y la Historia. Homenaje a Kapuscinski. Madrid, Universidad Rey Juan Carlos e Instituto de Humanidades de la URJC, 2008, p. 17.

²¹ FRASER, Ronald. *Historia oral...*, 1993, p. 80.

²² PORTELLI, Alessandro. *História...* 2010, p. 07.

²³ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulher imigrantes*. IN: Estudos Ibero Americanos. Revista do Programa de Pós Graduação em História PUC- RS. Porto Alegre. Ano XXXI nº 01, junho 2006. (p. 63-73), p. 69.

²⁴ SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. Ed. Contexto: São Paulo, 2006, p. 02.

²⁵ SCHWARZSTEIN, Dora. *Fuentes orales em los archivos: desafios y problemas*. IN: XXXV Conference Internationale del Table Ronde des Archivs. Archies et societè: que conserver? Reykjavik, Islandia, 2001 (p.167-178), p. 169.

²⁶ PORTELLI Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios*. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013, p. 216.

entre mundos privados e eventos de interesse geral”, o que faz com que esta seja uma oportunidade para “narradores relativamente obscuros serem canonizados no discurso público: um relato público realizado por pessoas que raramente têm a oportunidade de falar publicamente”.

A confrontação com outras fontes

Percalços durante a realização de uma pesquisa de cunho científico é algo para o que todo o pesquisador deve estar preparado no momento em que está redigindo o seu projeto de pesquisa. Nunca sabemos ao certo se o que havíamos planejado poderá ser executado da forma como gostaríamos, bem como nunca saberemos quando e quais imprevistos poderão aparecer durante a realização das nossas investigações.

Ao mesmo tempo que existem estes fatores que de certa forma fazem com que o trabalho retarde, atrase, ou que não tenhamos acesso a alguns aspectos que nos seriam imprescindíveis, existem outros aspectos que nos dão certeza de que estamos no caminho certo e que estamos fazendo algo que realmente nos dá prazer.

Efetuada estas considerações, passamos a descrever alguns aspectos que nos chamaram a atenção durante a realização desta investigação e mais precisamente, após a realização da coleta deste depoimento. Conforme exposto acima, a entrevista, num primeiro momento aos meus olhos despreparados, foi entendida como sendo um fracasso total. Contudo, eu tinha uma informação: o pai de Francisco (e também o senhor Heinrich Feddern) teriam sido presos durante o Estado Novo, mais precisamente, no início da década de 1940. Estas eram as únicas informações que eu possuía.

Munido dos nomes destes dois personagens, e de uma data aproximada (final da década de 1930 e início da década de 1940), optei em fazer uma pesquisa junto do Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERGS), afim de localizar os registros daquele período. Para minha decepção, não foi possível encontrar nenhum documento que se referisse a tal episódio.

Fiz então contato com a Delegacia de Polícia Civil do Município de São Lourenço do Sul, a fim de saber o paradeiro da documentação daquele período. Num primeiro momento, me foi passada a informação de que esta documentação estaria no Arquivo

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

Público em Porto Alegre, o que conforme mencionado anteriormente, não pode ser comprovado, uma vez que já haviam sido feitas buscas naquela instituição e nada fora encontrado.

Não contente com a resposta, fiz então um ofício solicitando o acesso aos materiais, explicando que esta documentação não fora enviada ao APERGS e que portanto, deveria estar na Delegacia. Exatos 58 dias após o envio do ofício e nenhum retorno sobre o mesmo, me dirigi à sede daquela instituição e solicitei uma reunião com então delegado, que me recebeu, questionou os meus objetivos e me expôs a situação.

A relutância em me fornecer acesso ao material se dava justamente pelo fato de não existir nenhuma sala adequada para a guarda do mesmo, bem como não existir nenhum tipo de organização na documentação e que ele não tinha nenhum funcionário que pudesse localizar o material que eu havia solicitado. Expliquei que se ele franqueasse o meu acesso ao arquivo, eu mesmo me encarregaria de localizar o material que me interessasse. Concordando com a minha proposta, me foi liberado o acesso à documentação e para minha surpresa, tudo o que eu estava procurando, estava lá. Disponível. Ao alcance das minhas mãos. Na frente dos meus olhos.

Registros de prisões. Depoimentos. Ofícios recebidos e remetidos. Salvo-condutos. Telegramas. Documentos dos mais variados, que guardam uma riqueza de informações e que uma vez consultados, uma vez questionados, uma vez problematizados começaram a falar, começaram a dar algumas das respostas que eu procurava.

A partir daquele momento, mais do que nunca eu tive a certeza de que estava na profissão certa. Foi a primeira vez, durante toda a minha carreira acadêmica que me emocionei ao localizar um “documento chave” para a minha pesquisa. Foi a primeira vez que eu, movido por uma inquietação pude decifrar algumas questões que até então eram desconhecidas.

A pesquisa no referido arquivo permitiu que eu tivesse conhecimento da data exata de chegada dos pais do senhor Francisco ao Brasil, que teria ocorrido em 16/07/1930, à bordo no Navio Vigor que atracou no Porto de Rio Grande. O casal, desembarcou com dois filhos e teve mais dois filhos em solo brasileiro. A mãe do senhor Francisco se declarou como sendo doméstica, mas consta que ela atuou como parteira na região e o seu pai teria atuado como professor.

Conforme relato do senhor Francisco, Heinrich Feddern teria sido preso juntamente com o seu pai e o pastor Philipp Loersh. Não foram prestadas maiores informações pelo depoente sobre o episódio em questão, excetuando a “injustiça” cometida pelas autoridades quando da prisão dos mesmos.

Analisando o livro de registros de prisões da Delegacia de Polícia Civil de São Lourenço do Sul foi averiguado que as prisões dos personagens acima citados, ocorreram em datas diferentes. O pai de Francisco foi preso primeiramente no dia 19/03/1942, e novamente no dia 26/08/1942, sendo que nesta última data, foram presas outras 10 pessoas, todas de nacionalidade alemã, com a mesma justificativa: “averiguações”.

Heinrich Feddern foi preso, conforme o mesmo livro, no dia 29/05/1943. Foi encontrada ainda a informação da prisão da mãe do senhor Francisco que ocorreu em 14/04/1942, informação esta que até então nos era totalmente desconhecida.

Fomos confrontados agora com um outro problema. As informações prestadas pelo senhor Francisco não se confirmavam, quase nada podia ser comprovado. Neste momento, fizemos uma relação direta com o texto de Janaina Amado (*O grande mentiroso*) publicado em 1995, que tinha como objetivo principal analisar a questão da “mentira na história oral”²⁷.

O trabalho de Amado consistiu basicamente na descrição de uma experiência pela qual a autora passou à época de seu doutoramento, quando efetuou, na região de Goiás, uma série de entrevistas que tinham como objetivo reconstituir alguns aspectos da Revolta do Formoso, que ocorreu na região nas décadas de 1950 e 1960. Dentre estas entrevistas, uma se destacou entre as demais, tanto pela duração, foram 16 horas de gravação, quanto, como nas palavras da própria autora, por “representar tudo aquilo que um historiador poderia desejar” uma vez que o depoente teria demonstrado vontade de colaborar, estava disposto a falar, além disso, ele possuía conhecimentos e vivências profundos sobre o tema, uma memória incrível e um senso de humor fantástico. Contudo, com o andar das pesquisas, a autora constatou que as informações prestadas pelo seu depoente não eram confirmadas, nem por outros entrevistados, nem pela documentação escrita que a mesma consultou.

²⁷ AMADO, Janaina. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. IN: Revista História. São Paulo. Vol. 14, 1995. (p. 125-136).

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

Assim, desiludida, Amado abandona a entrevista, continua a pesquisa e após alguns anos, resolve novamente ouvir aquele relato. Para sua surpresa, alguns elementos passaram a ser reconhecidos: o depoente havia mesclado em seu relato passagens do livro *Dom Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes, fazendo uma “recriação sertaneja, mesclando referências literais à obra com aspectos da vida no interior de Goiás na década de 1930”.

A partir desta entrevista, a autora passa então a analisar as motivações que teriam levado este depoente à fazer tal narrativa, como que ele teria tido contato com o livro de Cervantes, bem como passa a analisar as muitas dimensões que uma única entrevista pode oferecer.

Após reler este texto de Amado, passamos a olhar a nossa entrevista com outros olhos. Neste sentido, críticos da história oral de modo geral, usam do argumento de que o entrevistado pode mentir, de que suas falas não são confiáveis, ou que a memória, não é inteiramente crível. Contudo, o termo “verdade histórica” é algo bastante complexo. Nenhuma fonte está isenta de falseamentos. E o que interessa sobremaneira na história oral, não é verificar a confiabilidade do relato narrado mas sim, as motivações, a justificativa de determinada versão em detrimento de outra.

Neste sentido, podemos nos remeter ao filme *Rashomon*²⁸ produzido e dirigido pelo diretor japonês Akira Kurosawa em 1950, que é baseado em dois contos de Ryunosuke Akutagawa (“Akutagawa: ‘*Rashomon*’ e “*En el bosque*”, datados de 1915 e 1921, respectivamente). Nesta película, por meio de uma série de metáforas, o diretor procura desnudar um Japão devastado, inclusive moralmente, pela Segunda Guerra Mundial.

O filme mostra basicamente como uma mesma história pode ser narrada ou mesmo interpretada por diferentes versões, conforme os interesses.

O filme baseia-se na apresentação de quatro perspectivas acerca de um mesmo acontecimento, que é o estupro da mulher, perpetrado por Tajomaru e o conseqüente assassinato do marido da mesma. É justamente neste aspecto que fazemos uma relação direta do tema tratado no filme, com a história oral. Cada vez que fazemos uso de algum relato oral, o mesmo está imbuído de interesses. Estes interesses podem ser tanto do entrevistado, como do entrevistador.

²⁸ *Rashomon*. Direção e produção: Akira Kurosawa. Duração: 1h28m. Japão, 1950.

Assim como no filme, diferentes versões nos foram apresentadas ao longo do nosso trabalho de campo sobre as perseguições estado novistas. Além destas diferentes versões, temos a questão do esquecimento que é uma faculdade natural de todo ser humano.

Izquierdo²⁹ afirma que o esquecimento é uma parte fundamental da nossa sobrevivência, ele permite que sigamos adiante mesmo em meio a um número cada vez maior de adversidades. Ainda conforme este autor, um determinado grau de repressão ou de negação é absolutamente necessário para que possamos viver.

Schwarzstein³⁰ afirma que tudo que é esquecido pode ser tão importante quanto aquilo que se recorda, por este motivo, se faz necessário que seja dada atenção para os silenciamentos ou para as omissões nas entrevistas, que longe de serem problemas, podem ser a chave para a solução de uma série de questionamentos.

Além disso, não podemos ignorar o fato de que a recordação jamais será exatamente igual ao evento que está sendo narrado, pelo contrário, ele está sendo reelaborado de acordo com o contexto atual, quando, por mais uma vez, podemos relacionar o tema aqui trabalhado, com o filme anteriormente citado. Na película, o personagem interpretado por Takashi Shimura diz que “o homem somente quer esquecer o mau e lembrar do bem. É mais fácil assim”. Ou seja, ocorre aquilo que Izquierdo³¹ chama de “obliteração voluntária de memórias ruins ou indesejáveis”.

Ao assistirmos ao filme e mesmo ao confrontarmos diferentes entrevistas sobre um mesmo aspecto, que de certa forma divergem em alguns pontos, podemos nos questionar, sobre qual das abordagens ou perspectivas é a correta, qual delas é a verdadeira, qual dos relatos se aproxima mais da realidade vivenciada?

Analisando somente a película, neste caso, não temos garantia alguma de que um relato é mais crível que outro ou que um seja mais fantasioso que outro. Em termos de conteúdo, todos os relatos são verossímeis, todos apresentam de forma coerente os

²⁹ IZQUIERDO, Iván. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004, p. 111.

³⁰ SCHWARZSTEIN, Dora. *Fuentes orales em los archivos: desafios y problemas*. IN: XXXV Conference Internationale del Table Ronde des Archivs. Archies et societè: que conserver? Reykjavik, Islandia, 2001 (p.167-178), p. 171.

³¹ IZQUIERDO, Iván. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004, p. 35.

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

episódios, tal como a estupro da mulher, sua posterior fuga, a luta entre os dois homens, e por fim o assassinado do Samurai.

Assim, fazendo uso das prerrogativas da história oral, da subjetividade humana, bem como de uma espécie de jogo de interesses, não existe maneira, não existe forma de garantir que um relato seja o mais correto, o mais verdadeiro quando comparado com outros relatos, da mesma natureza. Todos são coerentes, todos apresentam os fatos numa narrativa coesa. Todos tem um desfecho semelhante. As mudanças ocorrem sobretudo na participação de cada personagem e na sua responsabilidade sobre o crime cometido e é exatamente neste ponto que podemos relacionar o tema abordado no filme, com a proposta do presente ensaio.

Da mesma forma que nos são apresentadas no filme de Akira, Portelli³² em seu estudo sobre trabalhadores comunistas do setor naval de fundição de aço na cidade italiana de Terni cita que a “apresentação da história varia segundo cada narrador”. Esta variação ocorre por diversas motivações, podendo ser uma forma de se eximir de qualquer culpa, de se posicionar como sendo um personagem importante dentro do contexto narrado, entre outros motivos que variam conforme o contexto e conforme os interesses do narrador.

Neste mesmo estudo, Portelli³³ afirma que dos depoimentos coletados estes não se referiam à forma como a história teria se desenrolado, mas como com ela poderia ter ocorrido. “Seu campo não incide na realidade, mas na possibilidade”. O autor compreende isto como sendo uma forma literária de inconformismo com a realidade a chamada uchronia. Que, conforme o autor nada mais é do que aquele “tema perturbador, no qual o protagonista imagina que poderia ter sucedido se um determinado evento histórico não tivesse acontecido” continua o autor, “representação de um presente alternativo, uma espécie de universo paralelo no qual se cogita sobre um desdobramento de um evento histórico que não se efetou”. Portelli afirma que através da uchronia, os narradores dizem que o mais “desejável dos mundos possíveis, poderia ter sido criado, outrora se as chances certas fossem aproveitadas”.

³² PORTELLI, Alessandro. *Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. IN: Projeto História. São Paulo. nº 10. Dezembro de 1993. (p. 41-58), p. 48.

³³ PORTELLI, Alessandro. *Sonhos...1993*, p. 50.

Portelli³⁴ ao fazer a análise sobre o assassinato do jovem Luigi Trastulli aponta que o referido evento foi elaborado, transformado, interpretado. Este acontecimento, na visão do autor, constitui o “terreno sobre o qual a memória coletiva conserva uma singular convergência de relatos equivocados, invenções e lendas” que na visão do autor “vão desde reconstruções imaginárias da dinâmica do acontecimento até a translação do mesmo de um contexto histórico a outro”.

O autor afirma ainda que as entrevistas, ou fontes orais nem sempre são confiáveis, para uma rigorosa reconstrução dos acontecimentos, contudo, não podemos descartar as mesmas, mas sim fazer uso destas para que nos ajudem a compreender de uma forma mais precisa os acontecimentos narrados, e descobrir os seus significados.

Memórias são preservadas, ampliadas, aceleradas, transformadas. Portelli³⁵ afirma que tais “alterações” são efetuadas no sentido de dar significado não somente à história do partido, mas também à sua própria história. “O passado serve para justificar o presente, uma vida de luta deve ser vista como um sucesso para dar sentido à autoestima e identidade pessoal”. A necessidade, continua o autor “de reivindicar uma determinada ação para si mesmo, em defesa da própria dignidade e da presença histórica está sempre na raiz de uma versão ‘consensual’ da história: dizendo que a história estava ‘certa’, advogamos, para nós mesmos, um feito”.

De certa forma entendo que a atitude do senhor Francisco foi justamente neste sentido, uma vez que o mesmo ao fazer o seu relato, procurou em um primeiro momento dar uma importância maior para os seus familiares, em detrimento dos demais personagens. Ele procurou ainda reivindicar o protagonismo da história para o seu pai, como sendo este o responsável pela soltura de todos os presos, e eliminando qualquer aspecto que pudesse de forma ou outra, servir como indício de uma não confirmação do seu discurso. Entendo até, que o fato de o mesmo não precisar as datas da prisão do seu pai, pode ter sido uma das estratégias encontradas para evitar que as informações “verdadeiras” pudessem vir à tona, o que na visão de Portelli³⁶ pode ser entendido como um motivo ucrônico que “remove a presença de adversários sociais e políticos, reduz o complexo processo histórico a simples eventos; situações complexas a dilemas de sim e

³⁴ PORTELLI Alessandro. A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013, p. 05-06.

³⁵ PORTELLI, Alessandro. *Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. IN: Projeto História. São Paulo. nº 10. Dezembro de 1993. (p. 41-58), p.55.

³⁶ PORTELLI, Alessandro. *Sonhos... 1993*, p. 57.

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

não. Assim, isto preserva a autoestima do narrador e o sentido por ele dado a seu próprio passado” tornando este mais fácil de ser verbalizado e ao mesmo tempo, ao invés de motivo de vergonha, se torne um signo de *status* na comunidade.

Algumas considerações

Alberti³⁷ em seu artigo aponta ao fato de que é “impossível reproduzir o passado em todos os seus meandros e acontecimentos, tal como realmente aconteceu”. Podemos assim afirmar que sempre que narramos um determinado episódio ou mesmo nos propomos a estudar algo, existe uma seleção deliberada de acontecimentos que pode, em muitos casos ser arbitrária. Porém, esta seleção torna-se necessária seja por questões diretamente relacionadas às nossas capacidades físicas, seja em função do esquecimento intencional que ocorre em alguns casos, como uma forma de lidar melhor com determinada situação traumática, conforme foi discutido anteriormente.

Neste sentido, ainda conforme a mesma autora, não existem filmes sem cortes, sem edições, da mesma forma, nossa memória faz cortes, seleções e quando fazemos uma entrevista, este tipo de “edição” ocorre de forma frequente, de acordo com os interesses do nosso entrevistado, ou mesmo de acordo com os interesses de nós, pesquisadores, ao fazer determinados questionamentos e evitar outros.

Quando nos propomos a estudar determinado aspecto, determinado evento histórico e optamos em fazer uso de narrativas orais como nossas fontes, temos que ter claro que a “dimensão simbólica das entrevistas, não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças” o que faz com que seja possível “compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que tem”³⁸.

Mesmo que toda memória possa ser resignificada, permanecem nos relatos traços que nos permitem fazer uma série associações com aspectos que podem ser consideradas como permanências que foram sendo perpetuadas com o passar dos anos. As omissões efetuadas pelo senhor Francisco, podem tanto ter sido intencionais, como podem ser questões que nunca tenham sido narradas pelos seus pais ao mesmo.

³⁷ ALBERTI, Verena. Ouvir e contar: textos em História Oral. São Paulo: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 13.

³⁸ AMADO, Janaina. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. IN: Revista História. São Paulo. Vol. 14, 1995. (p. 125-136), p. 135.

Não podemos esquecer que o depoente, na época do ocorrido, contava com menos de 5 anos de idade, e as memórias nesta idade ainda não eram muito precisas, ainda não estavam fixadas de maneira plena. As lacunas que estão presentes em seu relato podem também ser o indício de que a família (e mesmo a população lourenciana como um todo) deseja esquecer aquele período tão nefasto da história recente do município.

A colocação de seu pai como um “herói”, que frente às “injustiças” cometidas pelas autoridades policiais locais, são um indício do espírito benemérito do mesmo. A própria escolha da profissão do entrevistado, pode de certa forma sugerir algo neste sentido: o mesmo é advogado, ou seja, em tese, sua profissão visa “lutar contra arbitrariedades”, “defender fracos e oprimidos”, ou seja, tentar reverter de certa forma, a “injustiça” que foi cometida contra seu pai há mais de 60 anos atrás.

Contudo, alguns questionamentos seguem. Será que o entrevistado não teve conhecimento da prisão de sua mãe? Ou se teve, quais os motivos que o teriam levado à omitir esta informação?

As respostas para estes questionamentos são apenas suposições e como tais, não são conclusivas. Na década de 1940, a sociedade local ainda era bastante isolada e era uma região onde o patriarcalismo machista predominava. A prisão de uma mulher, mãe de família poderia ser considerada um motivo de vergonha, tanto que este fato pode nunca ter chegado ao conhecimento do senhor Francisco e se chegou, o mesmo fez questão de omitir, com o claro objetivo de não “desprestigiar” a história da sua família, uma vez que um aspecto como estes, longe de ser motivo de orgulho, como a prisão do seu pai se converteu, pode vir a se tornar motivo de vergonha e desqualificar todo o discurso que o mesmo vem empregando desde então.

Segundo Alessandro Portelli³⁹, as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. A fonte oral pode não ser um dado preciso, conforme verificado no depoimento fornecido pelo senhor Francisco, mas ela possui dados que, as vezes, um documento escrito não possui. Conforme o autor, a história oral se “impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios,

³⁹ PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. IN: Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 2006 (p. 59-72).

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico” mas que são personagens que viveram os acontecimentos que os pesquisadores se propõem a estudar, desta forma, são uma das fontes mais interessantes neste tipo de estudos.

Vários pesquisadores são taxativos em afirmar que ler e não ouvir uma entrevista faz com que sejamos privado de muitas contribuições que somente podem ser obtidas através da oralidade. Tourtier-Bonazzi⁴⁰ afirma que a “entonação, ênfase, dúvidas, rapidez ou lentidão” mesmo em uma entrevista que tenha uma transcrição bem feita, são incapazes de serem passadas para o papel, configurando o que o autor chama de “traição à palavra”. Neste sentido, se considerarmos o depoimento em questão, muitos são os aspectos que o tornam pouco útil em uma investigação. Como a entrevista não possui uma versão em áudio, aspectos que poderiam nos fornecer uma série de respostas, estão ausentes. Conforme Montysuma⁴¹ “existem significados presentes nos silêncios, nas repetições, nas reticências, nas mudanças do tom de voz, no prolongamento das palavras”, e na nossa fonte nenhum destes elementos pode ser analisado.

Contudo, longe de entender este aspecto como sendo apenas uma limitação, entendemos ele como mais um indício do medo que ainda hoje paira na mente do senhor Francisco. Medo este originado em decorrência da prisão de seus pais, do saque e vandalização de sua residência. Sabemos que quando redigimos um texto, o fazemos de uma forma muito mais “responsável” do que quando verbalizamos determinado episódio. Ao escrever algo, ao escrever uma passagem de nossa vida, pensamos exatamente nos termos que queremos fazer uso, pensamos na ênfase que queremos dar a determinados aspectos, aspectos que numa conversa, numa entrevista podem não ser seguidas de forma tão metódica. Erros podem ser cometidos, falhas podem ser cometidas e uma vez escrito o texto, uma vez relidas as palavras redigidas, estas podem ser modificadas conforme a necessidade, já uma palavra dita, e um trecho gravado, não poderá mais ser apagado.

Mesmo que os eventos narrados pelo senhor Francisco apresentem inconsistências, apresentem problemas, questões que não puderam ser confirmadas, este é um dos aspectos que o torna mais interessante, basicamente pelo fato de que é um determinado evento, observado por um determinado ator social, que possui diferentes

⁴⁰ TOURTIER-BONAZZI, Chantal. *Archivos – propuestas metodológicas*. IN: Historia y Fuente Oral. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1991 (p.181-189).

⁴¹ MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. *Um encontro com as fontes em História Oral* IN: Estudos Ibero Americanos. Revista do Programa de Pós Graduação em História PUC- RS. Porto Alegre. Ano XXXI nº 01, junho 2006. (p.117-125), p. 124.

pontos de vista e diferentes perspectivas. E é justamente esta multiplicidade de perspectivas que torna a história oral uma fonte tão rica e tão importante, pois ela nos fornece diferentes pontos de vista acerca de um mesmo aspecto, que variam conforme as condições de enunciação.

Ao fazer o uso de um texto escrito para narrar a história familiar e principalmente ao dar pouca importância à prisão de seu pai, podemos de certo modo concluir que este ainda é um tema de grande peso emocional e que passou ao longo dos anos por uma série de atualizações para que o mesmo pudesse ter sido redigido, para que o mesmo pudesse ter sido “produzido” daquela forma. Assim, percebemos que o texto do senhor Francisco traz uma auto representação e uma preocupação deste em se mostrar uma pessoa coerente, sem dar a ver nenhum aspecto que possa de algum modo ser “condenado” pelos valores sociais atuais da região onde mora.

Mesmo que o depoente não tenha me dado as exatas respostas que eu almejava encontrar ao selecionar o mesmo como sendo meu entrevistado, aquele depoimento fez com que uma das potencialidades da história oral que é apontada por Thompson⁴² se tornasse mais clara e óbvia: a entrevista pode de certa forma, facilitar o acesso a documentos ou mesmo ajudar na descoberta da existência destes, que de outra forma jamais teriam sido localizados. Uma data, mesmo que não mencionada de forma precisa, um nome incompleto ou mesmo informações vagas, aguçaram a minha curiosidade, e fizeram com que a partir de pequenas pistas, pequenos indícios, pudesse reconstruir a trajetória daqueles personagens e assim, entender um pouco mais sobre o processo de formação da sociedade lourenciana e a sua relação com a política nacionalista de Vargas.

Assim, concluímos com este breve ensaio, que mesmo que determinada entrevista não corresponda aos nossos anseios imediatos como pesquisadores, seja por problemas/dificuldades na verbalização do tema abordado, por parte dos entrevistados, estes aspectos podem ser de suma importância para o estudo, uma vez que podem revelar medos, desconfianças, incertezas que em outras fontes nunca seriam descobertos.

⁴² THOMPSON, Paul *A voz do passado: história oral*. Paz e Terra: São Paulo, 1998, p. 25.

Falácia ou ingenuidade? Silenciamentos e ocultações em um relato sobre a repressão durante do Estado Novo em São Lourenço do Sul/RS

Referências

- ALBERTI, Verena *Ouvir e contar: textos em História Oral*. São Paulo: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- AMADO, Janaina. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. IN: *Revista História*. São Paulo. Vol. 14, 1995. (p. 125-136).
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulher imigrantes*. IN: *Estudos Ibero Americanos*. Revista do Programa de Pós Graduação em História PUC- RS. Porto Alegre. Ano XXXI nº 01, junho 2006. (p. 63-73).
- COARACY, Vivaldo *A Colônia de São Lourenço do Sul e seu Fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Saraiva, 1958.
- FACHEL, José Plínio Guimarães *As violências contra alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Editora da UFPEL, 2002.
- FRASER, Ronald *Historia oral, historia social*. IN: *Historia Social*. Valencia: Fundación Instituto de História Social, n. 17, outono 1993, p. 131-139. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4034035>, acessado em 20/08/2014.
- HENRIQUES, Affonso. *Vargas e o Estado Novo*. S.E. São Paulo, 1964.
- IZQUIERDO, Iván *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.
- KOSSOY, Boris *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- MAUAD, Ana Maria. A fotografia e a família no Brasil oitocentista. IN: ANDRÉ, Richard Gonçalves. *Álbuns de família: a história e a memória entre os fios luminosos da fotografia*. Londrina: Ed. UEL, 2015 (p.09-49).
- MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. *Um encontro com as fontes em História Oral* IN: *Estudos Ibero Americanos*. Revista do Programa de Pós Graduação em História PUC- RS. Porto Alegre. Ano XXXI nº 01, junho 2006. (p.117-125).
- PORTELLI, Alessandro. *Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. IN: *Projeto História*. São Paulo. nº 10. Dezembro de 1993. (p. 41-58)
- PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. IN: *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 2066 (p. 59-72).
- PORTELLI, Alessandro. *História Oral e poder*. Mnemosine. Vol. 6 nº2, 2010. (p. 02-13).
- PORTELLI Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios*. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013.
- POSSAMAI, Paulo *Dall'Italian siamo partiti: A questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*. Passo Fundo: Ed.UPF, 2005.
- ROCHE, Jean *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- RODRÍGUEZ JIMÉNEZ, José. *Las fuentes orales: Metodología para trabajar con una fuente que buscas y te busca*. IN: RODRÍGUEZ JIMÉNEZ, J. L. y RUBIO, Antonio (eds.), *Primer Encuentro entre el Periodismo de Investigación y la Historia. Homenaje a Kapuscinski*. Madrid, Universidad Rey Juan Carlos e Instituto de Humanidades de la URJC, 2008.
- SCHWARZSTEIN, Dora. *Fuentes orales em los archivos: desafios y problemas*. IN: XXXV Conference Internationale del Table Ronde des Archivs. Archies et societè: que conserver? Reykjavik, Islandia, 2001 (p.167-178).
- SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique (org.) *Dicionário de Conceitos Históricas*. Ed. Contexto: São Paulo, 2006.
- THOMPSON, Paul *A voz do passado: história oral*. Paz e Terra: São Paulo, 1998.

Cristiano Gehrke

TOURTIER-BONAZZI, Chantal. *Archivos – propuestas metodológicas*. IN: Historia y Fuente Oral. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1991 (p.181-189).

ULLRICH, Carl Otto. As colônias alemãs no sul do Rio Grande do Sul. In: *História em Revista*. Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL, nº 5, dezembro de 1999.

WEBER, Roswithia. *A criação de um museu de imigração alemã no pós-nacionalização*. IN: Revista Memória em Rede. Pelotas: PPGMP, v.3, nº9, Jul./Dez.2013.

Entrevista

Entrevistado: Senhor Francisco. São Lourenço do Sul. 26/01/2015. Entrevistador Cristiano Gehrke.

FECHA DE RECEPCIÓN: 20/12/2016

FECHA DE ACEPTACIÓN: 30/03/2017